

HISTÓRIAS DE BOCA

O CONTO TRADICIONAL
NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

CRISTIANE VELASCO

HISTÓRIAS DE BOCA

O CONTO TRADICIONAL
NA EDUCAÇÃO
INFANTIL



© Cristiane Velasco

Diretor editorial

Marcelo Duarte

Diretora comercial

Patth Pachas

Diretora de projetos especiais

Tatiana Fulas

Coordenadora editorial

Vanessa Sayuri Sawada

Assistente editorial

Olívia Tavares

Conselho editorial

Josca Ailine Baroukh

Marcello Araujo

Shirley Souza

Projeto gráfico

A+ Comunicação

Diagramação

Vanessa Sayuri Sawada

Carla Almeida Freire

Preparação

Beatriz de Freitas Moreira

Impressão

Corprint

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Velasco, Cristiane

Histórias de boca: O conto tradicional na educação infantil / Cristiane

Velasco. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2018. 248 pp.

ISBN: 978-85- 7888-676-9

1. Educação de crianças. 2. Educadores – Formação. I. Título.

17-44173

CDD: 370.1

CDU: 37.01

2018

Todos os direitos reservados à Panda Educação

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou compartilhada por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Para Fê e Dora, meus corações
com riacho dentro...*

Agradecimentos

Agradeço às crianças que habitaram cada uma das histórias contadas.

Agradeço, em ordem de aparecimento em minha formação, a todos aqueles que me despertaram “calafrios-quentinhos” e me auxiliaram a render o meu caminho: aos mestres do flamenco, pelo estremecimento do mistério de *El duende*; à Silvana Duarte, pelo respeito à prática de odissi, transportando com clareza o significado das *abhinayas*; aos professores de joalheria que me reaproximaram dos adornos em sua primeira condição de talismãs; ao artista plástico L. P. Baravelli, pela memória da Fábula; à Regina Machado, por me iniciar na arte de contar histórias através de todos os seus fundamentos teórico-poéticos e da experiência na Cia Palavra Viva: Contadores de Histórias; à Stela Barbieri, Kika Antunes, Dan Yashinsky, Andrzej, Inno Sorsy, Gilka Girardello, Kaká Werá Jecupé e Daniel Munduruku, contadores de histórias que tanto enriqueceram a minha história; à Peo e a toda equipe da Casa Redonda Centro de Estudos, jardim da infância que me formou educadora; à Lydia Hortélio, pela profunda beleza de tantas cantigas, por me tornar “cantadeira” de histórias desde o *Abra a roda tin dô lê lê*; ao Adelsin, pelos mil ecos de um *Barangandão*; à Elizabeth Menezes, Vera de Athayde e Moxé Ribeiro, por me introduzirem nas danças e músicas brasileiras; à Rosane Almeida, Antonio Nóbrega e aos diversos mestres da cultu-

ra popular que muito me ensinaram no Instituto Brincante; ao professor Paulo Machado, por todas as reflexões que me auxiliaram a fundamentar a prática com as crianças; ao doutor Amadeu Amaral, pelas conversas carregadas de lampejos fosforescentes; ao Ricardo Vieira, pelo encontro que desaguou em um *Aguadouro* de descobertas; à Monica Jurado e ao grupo Meditação com Tambores, pelas histórias assistidas na tela atrás dos meus olhos; à equipe da Escola Ciranda, pela preciosa parceria. À Jô Baroukh e Shirley Souza, por tudo o que aprendi a partir das cuidadosas revisões destas histórias de boca.

Finalmente agradeço o apoio dos familiares e amigos que acompanharam este livro desde quando ele ainda não era, mas já guardava um vir a ser: Cris Branco, Ucha, Flavia Lewinsky, Thais Roji, Marilia Esau, Marcellina, Irineu, Giuliana, Patrícia, Guilherme, Suzana e Garcia. E à memória daquelas que hoje vivem em outros reinados: Titita, pelo amor aos livros; Elizabeth, pela proteção de todas as fadas; e Yolanda, pela redenção de todas as bruxas.

Sumário

- 11 Apresentação: na boca de um peixe voador**

- 15 Na boca do coração: o conto tradicional, um saber de cor**
 - 17 Um bocado de tempo: o conto tradicional
 - 26 Na boca das fadas: o conto maravilhoso
 - 38 De boca em boca: as variantes do conto
 - 57 O contador de histórias de boca

- 71 De boca aberta: a oralidade na cultura da criança e na cultura popular**
 - 73 Boca de criança: a palavra brincante
 - 93 Histórias de boca e histórias de livro: diferenças entre contar e ler
 - 105 Histórias brincadas: quando o conto desemboca em faz de conta
 - 121 Com o coração na boca: enfrentando o medo através dos contos e histórias brincadas
 - 142 Na boca da barriga: morte e vida nas histórias brincadas
 - 156 Tela na boca: a criança de hoje

- 163 Eu tava lá: na boca do educador contador**
 - 165 Aprendendo a contar histórias de boca
 - 173 Era uma vez: na embocadura da sala de aula
 - 181 Boca de cena: preparação do espaço e elementos cênicos
 - 191 Na boca da história: exercícios de aproximação do conto
 - 226 Com água na boca: selecionando o repertório de contos

- 236 Epílogo**

- 240 Referências bibliográficas**

Apresentação

Na boca de um peixe voador

Nasci em 1972. Quando eu era menina, tinha dois sonhos recorrentes: em um deles eu aparecia voando, no outro, eu respirava dentro d'água. Cresci buscando experiências que me devolvessem a sensação primeira dos sonhos da minha infância e acabei colecionando retalhos: 15 anos dedicados ao trabalho como dançarina de flamenco, sete anos praticando o estilo odissi de dança clássica indiana, faculdade de letras e artes plásticas, um ateliê de joalheria de autor e muitas dúvidas.

Minha história se contava por meio de cacos, como um espelho estilhaçado. Somente em 1998, quando fui iniciada na arte de contar histórias, no trabalho com educação infantil e no universo da cultura popular brasileira, vislumbrei a renda do lado de lá dos retalhos: um espelho mágico me recordando que cada estilhaço refletia a mesma imagem inteira! Aos poucos, nas andanças em busca de um caminho, percebi que a saída estava justamente na encruzilhada, e minha experiência foi gradualmente se entendendo como uma experiência de rendar experiências.

Desde então contar histórias tornou-se o meu “através”. Através dessa arte rendeira venho me costurando por dentro: reinventando, escrevendo, dançando, cantando, compondo elementos cênicos, aprendendo e ensinando. As histórias são meus peixes voadores!

Nessa jornada de voos e mergulhos, encontrei educadores de realidades diversas em busca de maior conhecimento da arte de contar histórias. Costumo anotar as perguntas mais frequentes nas formações que coordeno, por exemplo: Existe técnica para contar histórias? Qual a importância dessa atividade? Qualquer um pode aprender? É preciso ser ator para contar bem? Qual a diferença entre teatro e contação? É melhor contar usando objetos? Como prender a atenção das crianças? É preciso decorar para contar? Qual a diferença entre ler e contar sem livro? Como se ensaia o teatro de uma história com crianças pequenas? O que fazer quando um aluno sente medo durante o conto? Por que gostam tanto de histórias de medo? É melhor retirar as partes muito violentas dos contos para não assustar os pequenos? Afinal, o que é um conto tradicional? Como escolher uma história para contar? Onde buscá-las?

A partir dessas e de muitas outras perguntas este livro se estruturou no intuito de compartilhar relatos e reflexões. É interessante notar que em minha trajetória como educadora e contadora de histórias a teoria não costuma preceder a prática, o trabalho vai sendo criado e recriado a partir da constelação de crianças e educadores presentes. É a observação dessas histórias vividas e registradas em meu “diário de bordo” que me permite trocar impressões com outros profissionais, buscando ampliações e aprofundamentos, pesquisando e encontrando fundamentação significativa.

A primeira parte dessas *Histórias de boca* está debruçada sobre a matéria-prima do livro, o conto tradicional, abordando de forma concisa suas origens, características

e variantes. E também discorre sobre a figura do contador de histórias: o contador tradicional, o contador profissional e o educador contador.

A segunda parte aproxima a cultura da criança e a cultura popular, pilares fundamentais da educação infantil, compreendendo o brincar como a linguagem integrada de conhecimento na primeira infância. Insere a arte de contar e ouvir histórias nessa linguagem, abrangendo as histórias brincadas pelas crianças a partir dos contos.

A terceira parte, sob a perspectiva de uma educação da sensibilidade que se inicia na formação do educador, apresenta sugestões práticas para a arte de contar histórias em sala de aula, trata da escolha de repertório e propõe exercícios de diálogo com os contos.

“Histórias de boca” no dizer das crianças, “histórias de boca” na fala popular, e agora o registro dos relatos e reflexões há tanto tempo contados e recontados.

Espero que os leitores voem alto e mergulhem fundo nessas *Histórias de boca*. Que um peixe voador possa inspirá-los em direção ao coração “barconinho”, buscando por jardins de infância cada vez mais rendados de contos.

Cristiane Velasco

Na boca do coração

O conto tradicional,
um saber de cor

Certa noite eu sonhei com uma cigana. Ela não tinha um dos dentes da frente. Chegou bem perto de mim e pela fresta da boca ela me sussurrou:

– Concentre-se no coração. Reúna todos os fios que estiverem espalhados fora, à sua volta. Enrole esses fios em um novelo e entre. Mergulhe fundo e longe. Um fogo estará ardendo lá, na profunda quietude do coração. Escute a voz do fogo!

E eu fiquei escutando, por alguns instantes, enquanto a cigana se afastava... Quando abri os olhos, percebi que já não lhe faltava um dente. Ela sorriu de longe, com a boca completa, e desapareceu.

Cristiane Velasco

UM BOCADO DE TEMPO

○ conto tradicional

*Tenho certeza de que no berço a minha
primeira vontade foi a de pertencer.*

Clarice Lispector

Era uma vez, há muito tempo atrás, em um reino distante... Assim se abre o portal para um espaço diferente daquele do dia a dia, onde tudo é possível. Assim se anuncia a existência de um tempo além do tempo, que se encontra nos contos, nas lendas, nos mitos. Atravessando as cortinas do “Era uma vez”, encontramos um universo onde a realidade se transforma num piscar de olhos. Assim como nos sonhos...

Certa vez, Maria Eduarda, aos quatro anos, ouvindo uma história, chamou a educadora que narrava o conto: “Acorda! Acorda! Você tá dentro do sonho! Vem pra cá!”. As crianças pequenas transitam naturalmente entre o lado de cá e o lado de lá dos véus e, dessa forma, estão sempre nos confirmando esse lugar que atingimos quando cruzamos as rendas diáfanas de uma história. A maneira como indagam e traduzem o mundo – via metáforas, símbolos e imagens – é muito próxi-

ma das narrativas míticas, por meio das quais os mais variados povos buscavam explicar a origem das coisas.

Para os índios keres do Novo México, nos Estados Unidos, a deusa Tse Che Nako é a Mulher Pensamento, aquela que tece o mundo com o poder de seus sonhos criativos. Eles vibram como ondas e fios de um som contínuo e belo que essa tecelã transforma em criações.

A mitologia dos aborígenes australianos também gira em torno de um Tempo do Sonho. No princípio, todos dormiam e sonhavam embaixo da terra, que era escura e vazia. Um dia, os grandes ancestrais despertaram de sua eternidade e viajaram por todo o território, criando os seres. Depois retornaram ao Tempo do Sonho, onde continuam sustentando as criaturas sonhadas. Toda pessoa existe, em essência, nesse campo sonhado. A parte eterna de cada um se inicia na vida através do corpo da mãe e, após a morte, retorna para o Tempo do Sonho. Esse tempo não é apenas um período passado, ele está sempre presente, toda vez que o povo nativo canta suas músicas, movimenta suas danças e conta suas histórias.

Um mito brasileiro de origem tupi-guarani conta que a Mãe Terra nasceu de um sonho, e sonhando-se, ela se transformou em uma imensa tartaruga estelar, em cujo casco a Grande Voz Tupã, o Som Trovão, foi desenhando todas as entidades terrestres. O primeiro ser humano nasceu assim também, de um sonho, e guarda na memória do coração o mesmo pulsar das estrelas...

Costumamos desmerecer os sonhos e as histórias quando falamos, por exemplo: “Você só pode estar sonhando!”, “Isso não passa de um mito!”, “São histórias para boi dor-

mir!”, “Pura invenção, ilusão!”, “A vida não é esse conto de fadas!”, “Não acredite no que diz aquele homem, só vive contando histórias!”, “Ele não existe, já virou lenda!”.

Se, por um lado, expressões como essas comumente enquadram as histórias no âmbito da mentira, das impossibilidades e do exagero fantasioso, por outro, a milenar arte de narrar, que nasceu com o homem e persiste em nossos dias, revela a importância das narrativas tradicionais e a aprendizagem ímpar que vivemos pela via da fantasia.

As narrativas de tradição oral remontam a tempos imemoriais e vêm sendo transmitidas de boca em boca, ao longo dos séculos. Estão presentes nas mais diversas culturas, sendo um importante elo entre os homens, pois tratam de aspectos fundamentais do humano: a capacidade de criar, transformar, imaginar e sonhar.

De certo ponto de vista adulto, essas histórias são bem mais fantásticas do que verdadeiras, e muitos ainda temem contá-las às crianças, preocupados em não “mentir” para elas, evitando fazê-las acreditar em magia. Não percebem que toda criança pequena acredita em magia por natureza, e que a verdade verdadeira das histórias é justamente a verdade de nossa imaginação.

A fantasia é um recurso mágico natural a partir do qual a criança vai organizando seus sentimentos, compreendendo o mundo e construindo sua própria história. A imaginação é a faculdade essencial para o desenvolvimento do indivíduo, e é ao longo da educação infantil que ela precisa ser nutrida com o leite primordial das narrativas tradicionais. Quanto mais o espírito humano viajar através dos mitos, das lendas e dos contos, mais livre, confiante e criativo será.



PALAVRA DE CRIANÇA

Perguntaram a Pedro Luís, de cinco anos, o que era o mistério. “O mistério é Deus”, disse ele. E o que é Deus? Prontamente o menino respondeu: “Deus e a morte são um só. O sonho também. Deus é como um vento, a gente sente, mas não consegue pegar...”.

João, aos quatro anos, disse: “A galáxia é infinitos mais infinitos, que é igual a dobros de infinitos!”. E Julia, aos três anos e meio, contou espontaneamente: “Sabe, minha mãe engoliu a sementinha que era eu, e a barriga dela começou a crescer. Aí ela me cuspiu de novo igualzinho a um bebê! Amanhã eu ficava sonhando dentro da barriga dela!”.

Essas histórias de crianças não são muito diferentes de antigas narrativas tradicionais, mitos que contam como o mundo foi inicialmente sonhado antes de ter existido. Sonhado ontem, sonhado amanhã: sonhado eternamente agora. ■

Pode parecer impossível acreditar em formigas falantes, peixes transformados em homens, ou em um urubu feitiçeiro que aprisionou os astros para enredar de luzes o seu pescoço. O que dizer a respeito de mantos de invisibilidade, botas de sete léguas, lágrimas capazes de curar olhos cegos ou frutos que envelhecem com apenas uma mordida? Ou então bichos-papões despencando de um velho sótão, sacis dando nó em crina de cavalo, e ainda uma menina enterada viva, cantando para que não lhe cortem os cabelos de capim? Simples de contar, mas difícil de entender que se mentes se transformaram em crianças quando sacudidas na cabaça do primeiro chocalho do mundo! Tampouco conceber um espelho que enxerga qualquer coisa escondida entre o céu e a terra, uma princesa atravessando cem anos em sono profundo, e muito menos um pássaro que se torna príncipe depois de tomar banho de bacia!